

A FUGIDA DE NOSSA SENHORA PARA O EGYPTO

Quando Jesus e seus paes estavam ainda em Belem, vieram do Oriente a Jerusalem uns Magos, dizendo em alta voz; «Onde está o Rei dos Judeus que nasceu? Vimos no Oriente a sua estrella, e queremos adoral-o.»

Ao saber isto, Herodes ficou attonito e perturbado, e igualmente toda a cidade. Reunindo em conselho todos os Príncipes dos Sacerdotes e os Doutores da Lei, e interrogando-os, d'elles soube que Jesus, segundo o propheta Micheas, deveria nascer em Belem, terra de Judá.

Então mandou Herodes chamar em segredo os Magos, e lhes disse: «Ide, e informae-vos bem

do menino, e quando o achardes, dae-me parte, para que eu vá tambem adoral-o.»

Puzeram-se os Magos a caminho, mas eis que lhes apparece adiante a estrella que tinham visto no Oriente, e os foi guiando até ao logar onde estava o menino com Maria e José, e prostrandose o adoraram, e abrindo os cofres que traziam lhe offereceram por presente ouro, incenso e myrrha. De noite, porém, foram avisados em sonhos que não voltassem a Herodes, o qual tinha má tenção contra o menino; e por outro caminho tornaram ás suas terras.

Vendo Herodes que os Magos não voltavam, ficou desesperado, e, barbaro como era, passou ordem para serem degolados todos os meninos de dois annos para baixo que se encontrassem



FUGIDA DE NOSSA SENHORA PARA O EGYPTO

em Belem e seus arredores, porque d'este modo suppunha que o innocente Jesus não poderia escapar.

Mas um anjo de Deus appareceu em sonhos a José e lhe disse: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge com elles para o Egypto, onde ficarás até que eu te avise, por que Herodes anda em busca do menino para o matar.»

José obedeceu immediatamente, partindo de noite com o menino e sua mãe para o Egypto.

D'este modo escapou o innocente Jesus á ferocidade inaudita de Herodes, que, de facto, mandou dar morte violenta a todas as creancinhas de Belem, não tendo ouvidos para escutar as supplicas e os choros das desoladas mães, de cujos braços lhes eram arrancados os tenros filhinhos!

Custa a crer que haja um coração tão cruel, um homem tão perverso, que ordene assim a morte de tantas creanças! Deviam as flôres mur-

char nos seus calices, esconderem-se as aves nos seus ninhos, suspenderem os rios o seu curso, empallidecer o sol no seu throno de luz, ao perpetrar-se tão nefando crime! Matar innocentes creancinhas, a alegria, a frescura, o aroma, o enlevo do lar!

Pobres mães!

Maria, a mãe sublime de Jesus, furtou-se áquella angustia, é verdade, mas dôres tão cruéis, senão maiores, lhe estavam reservadas. Ver o seu filho querido, o homem que só tinha bondade no coração, o Deus que descera á terra para salvar a humanidade, ser vilipendiado, esgarçado, trahido e morto affrontosamente entre dois ladrões, era, na verdade, um supplicio, uma dôr a que só tal mãe poderia resistir!

A igreja rememora n'esta semana, com as suas commoventes ceremonias, esse drama sublime que, por um contraste igualmente sublime, sendo tão lugubre e sombrio, irradia de si tanta luz, que illumina todo o mundo!



Salve, oh cruz, nossa unica esperança!

A CEIA DO SENHOR

A quinta feira da ultima semana da quaresma é chamada maior ou santa, por causa dos altissimos mysterios que n'ella a igreja recorda por entre ceremonias as mais augustas. N'este grande dia com effeito o culto catholico assume formas ainda mais impressionadoras, ás quaes se associam mui congruentemente a fé e a devoção dos fieis. Em numerosissimo concurso os fieis discorrem de templo em templo, e não vai longe o tempo em que até a mais alta nobreza e os príncipes, pondo de parte as suas equipagens esplendidas, a pé e com todas as demonstrações de humildade, visitavam n'este dia as igrejas e davam ainda maior largueza á sua caridade. Seria diffícil entre as multidões dos fieis, que se confundiam na sua humildade christã, divisar nas vestes d'um e d'outro sexo côr que não fosse modesta, conforme ao sentimento de tristeza que deve predominar n'estes dias recordadores da paixão do homem Deus.

São dias de perdão e de misericordia.

N'elles os chefes do estado usam da mais noble faculdade da sua soberania, perdoadando de todo, ou em parte, penas em que têm incorrido reos, por alguma circumstancia dignos de commiserção.

É com toda a razão que se aproveita este dia para se fazerem reconciliações, que seriam difficilissimas sem o fervor da crença religiosa.

Meus meninos, nunca deixeis dominar vossos corações pelo detestavel sentimento do odio, que é o vicio mais opposto á caridade, que é amor, de que Nosso Senhor Jesus Christo nos deu n'este dia os mais sublimes exemplos.

Pedi á vossos paes que vos levem n'estes grandes dias á igreja e ajoelhae com devoção e deixae embevecer vossos espiritos na doce impressão que por forza faz o templo, agora em grande parte desadornado, em signal de lucto e tristeza, recordando-se o grande soffrimento d'Aquelle, que até privaram de suas vestes, sobre que lançam sortes a avareza humana, do mesmo modo como ella tantas vezes nem se contem ante a miseria a mais digna de compaixão.

Por forza, meus queridos amiguinhos, vossos espiritos hão de ser salutarmente impressionados quando hoje entrardes na igreja, privada de quasi toda a claridade externa e só alumada pela grande massa de luz que lhe vem do throno,

immerso em flôres e em esplendor, como em nenhum outro dia. Os fieis oram no maior recato, nos seus livros de devoção, procurando pensamentos proprios para levantar seu espirito á contemplação dos grandes mysterios d'estes dias incomparaveis e ao amor d'Aquelle que a fé diz está realmente presente no alto d'aquelle throno. E enquanto se ora e se medita, rompe o órgão sagrado, os levitas alternam os psalms luctuosos e o côro ergue suas harmonias sentidissimas, continuadoras d'aquelle hymno sagrado que lá se ouviu no cenaculo apoz a grande ceia, até que uma voz sonora, harmoniosa, entoa a lamentação tristissima do propheta, que gemeu sobre a sorte da grande Jerusalem e do povo escolhido, como agora a igreja santa chora na recordação da paixão de seu divino esposo.

Então o espirito arrebata-se, a alma sente consolações inefaveis ante aquelle throno de luz, de fragranças e de amor, ante aquella mesa divina, continuação da mesa do cenaculo, á qual Nosso Senhor Jesus Christo, na vespera da sua paixão, instituiu o mais alto mysterio, que se tornou de certo a maior belleza da sua religião, belleza de crença e belleza da moral.

Todas as vezes que o laborioso chefe de familia vê á sua mesa a esposa e os filhos, que sustenta com o seu trabalho e vê alegres e felizes, é com justo desvanecimento que pôde dizer: o pão que comem é ganho com o suor do meu rosto.

Pôde dizer-se que os sustenta com o seu sangue, com o seu corpo e com o seu espirito.

Deus não podia ser capaz de menos, antes devia fazer tudo isso d'um modo infinitamente mais perfeito.

Que alegria para o pae de familia quando, apoz uma vida de trabalhos e sacrificios, pode sentar-se á sua já farta mesa, com a sua querida familia! Apoz uma vida de exemplo fecundissimo de laboriosa pobreza e fadigosa prégacao, alli está, á grande mesa, posta para toda a humanidade, o grande pae da familia humana!

Quando o pae de familia está para partir para longes terras, dá o banquete da despedida. Alli, na vespera da sua paixão, Jesus dá o convivio de sua affectuosissima despedida.

Quando o pae está proximo a morrer, a cada filho entrega uma lembrança querida que fallará vivamente d'elle. Christo, pae de amor só proprio de um Deus, enghena meio de ficar, não lembrança destructivel, não sómente reliquia ou parte minima de si mesmo, mas elle mesmo em toda a sua integridade e perfeição!

Quem amava de tal modo a humanidade, não podia contentar-se com deixar-lhe herança incompleta. Deixou-lhe um testamento perfeitissimo, o *Novo Testamento*, o grande Sacramento, a Eucharistia, a *Ceia Divina*, o manjar celeste, o mannã eterno, o viatico da immortalidade!

Alli está enthronado o pao celeste, que é o mesmo Deus, rodeado de luz, porque tambem o pão é o fructo e é o symbolo do trabalho que,

por entre ondas de verdadeira luz, e de salutar instrução, traz a verdadeira civilização.

Aquelle pae celeste alli offerece a sua meza a todos os homens sem excepção, como da meza do cenaculo nem excluiu o discípulo mau nem os discípulos tibios, para que se aprenda a não excluir ninguém dos fructos da nossa caridade, dos enternecimentos da nossa compaixão e das vantagens e grandezas da nossa civilização.

O pae celeste põe, dá, faz elle mesmo aquelle grande banquete para todos os homens, para se entender que elle é o grande pae e que todos os homens são uma só familia.

Ah! só alli, só alli, áquella sagrada meza, é que tenho visto realiado o grande preceito da egualdade humana!

Quantas vezes, oh meus queridos meninos, quantas vezes as lagrimas me teem assomado aos olhos, commovido ao vêr alli, á meza do pae celeste, participando do mesmo manjar divino, junto da mais nobre dama, a mais humilde filha do povo; junto do homem notavel pela sciencia, o mais rude camponez; ao lado do chefe o mais elevado, o ultimo dos seus subordinados; ao lado da mocidade esplendida, a velhice a mais decrepita; ao lado do homem na força da vida, a creança apenas a tocar a puberdade; ao lado do rico o pobre, ao lado da virtude a mais exaltada, a vida a mais, oh quantas vezes injustamente! a vida a mais vilipendiada!

Meus queridos filhos, amêmos, amêmos quem foi capaz de produzir obra de tanto amor, e amemo-nos uns aos outros, que a isto resumiu Jesus a sua doutrina divina, isso, n'este dia da sua affectuosissima despedida, proclamou elle ser o seu *testamento novo*¹.

SILVA FIGUEIRA.

RECORDAÇÕES DA MINHA INFANCIA

A FESTA DAS LANTERNAS EM CASTELLO BRANCO

Vinde cá, meus meninos, que vou contar-vos o que muito vos ha de agradar, porque sempre agrada a recordação da infancia, dos seus dias alegres, passados entre as caricias e sorrisos dos paes e de todos que nos amam. Ah! como tudo então é encantador!

Eu ainda não vi céu mais puro do que o céu profundamente anilado da minha patria; ainda não vi campos mais floridos do que aquellos campos de giestas de flôr da côr de ouro e da côr da neve mais pura; de alecrimsiços, de flôr roxa ou, o que é mais raro, tão alva, tão pura, tão fragrant que inebria o olfacto e encanta a mais não os olhos. Mas deixemos estes encantos, que apenas são uma amostra de uma natureza fecundissima de bellezas a mais variadas e delectosias.

Hoje vos fallaremos de outros encantos não menos apreciaveis e que se não são tanto do dominio dos sentidos, são mais do dominio do espirito, que tem seus encantos proprios, seus arrebatamentos dulcissimos. Talvez um dia, meus

pequenos, possaes viajar pela nossa patria, que não tem inveja a nenhum paiz em panoramas formosos, em tradições gloriosas e em lendas encantadoras, e lendas são umas certas narrações que a imaginação e o coração do povo formaram de acontecimentos que tiveram seu principio e sua influencia na vida popular. O que vou contar-vos não são lendas; são recordações de dias felizes da minha infancia, alegremente passados em volta de dois successos religiosos, annualmente reproduzidos na minha cidade natal, á qual, como acima vos disse, se vossos paes vos levarem a viajar, pedi vos levem por occasião das duas solemnidades religiosas de que estamos tratando, e que, com toda a propriedade, se podem chamar as festas da infancia.

São as procissões das lanternas na noite do terceiro sabbado da quaresma e no domingo de ramos ou das palmas.

Meus amiguinhos, não podeis imaginar com que alegria as creanças minhas patricias viam aproximar-se aquelle sabbado dos Passos, assim chamado porque n'elle a veneranda imagem de Nosso Senhor dos Passos era conduzida da igreja da Graça para a da Sé, afim de no domingo seguinte volver em solemne transito de passo em passo, ou de recordação em recordação dos principaes successos da via dolorosa de Christo, d'esde o Pretorio até ao Calvario. Póde dizer-se, que a solemnidade do domingo, grave, imponente, tristemente solemne, era a solemnidade dos homens; a de sabbado, alegre, ruidosa, brilhante, originalissima, era a festa das creanças, a que nenhuma se eximia, ou fosse filho de nobre, de rico, ou fosse até do mais pobre. Fosse como fosse, ou á custa dos teres abundantes dos paes que podiam dar aos filhos lanternas custosamente preparadas, ou á custa da caridade, todas as creanças da idade de tres até aos doze annos levavam a sua lanterna.

Que espectáculo maravilhoso!

Os largos da Graça, de S. João e da Sé e as ruas da Corredoura e das Orlarias eram um mar de luz deslumbiante, variegada, bullicosa. Não tenho, meus meninos, côres na minha palheta para reproduzir quadro tão formoso. Eram centos de creanças, animadas, alegres e respeitadas ao mesmo tempo, porque a alegria e satisfação da sua vontade e da devoção, que já começava a accender-se em seus tenros corações, era modificada pela seriedade e presença dos paes e mães, acurvados respeitadamente ao passar da santa imagem, velada no seu camarim de preciosa tela e sustentado em andor, levado pelos proceres da cidade, e ao psalmejar grave e impressionador das duas longas filas de sacerdotes, com suas vestes escuras, como deve ser luctuosa a contricção sincera, a promover a qual coopera tudo do culto catholico n'esta quadra chamada quaresma e semana santa, tempo de dolorosa preparação para as alegrias da paschoa, que é a solemnização da ressurreição ou grande victoria do divino fundador do christianismo.

No proximo numero vos fallarei da festa dos RAMOS.

SILVA FIGUEIRA.

¹ Evang. seg. S. João, c. 19, v. 15 e 34.



Não ha viv'alma que não se queixe da secca dispendiosa das amendoas, a que se anda preso pelos preconceitos da epocha.

Entretanto, havendo, de um lado, pessoas para darem presentes, é claro que hade haver do outro lado pessoas para os receberem; como é, visto isso, que, devendo apenas metade do genero humano ter direito de se queixar por esta renda, appareçam as metades ambas a gemerem em ducto como se fosse por igual motivo?

Desconfio que uma das metades esconda o jogo, e não queira dizer que vae de ganho. . . — como acontece tambem nos theatros e nos bailes com a troca dos chapéus, que sempre se envolve n'um mysterio philosophico, que faz, pela malicia do acaso, com que um chapéu velho seja tão esperto que vá pelo seu pé pôr-se no lugar de um chapéu novo.



As creanças, este é o caso, são as unicas creaturas a quem esta quadra devastadora enriquece, — e ainda bem! Gentil cathegoria, a

d'estes innocentes; que, n'isto, de mais a mais, são innocentes á moda do paiz: — Venha a nós!

Elles, coitadinhos, não dão nada a ninguem, — recebem: estão sempre de boquinha aberta, n'esta quadra, e de mãosita estendida, — por signal, tudo lambusado, mão e bocca.

As algibeiras são uns alforges! Já lá lhes não caberia mais, se não as fossem aliviando a cada instante, comendo e repartindo entre si uns com os outros. . .

Vastos armazens! Ha alli, n'aquellas bemitas algibeiras, amendoas de quantas qualidades vêem ao mundo. . .

As de chocolate!

As de canella!

As de cidrão!

As de licôr!

Grandes algibeiras, as dos innocentes!



— O pae, perguntam elles, de onde é que vêem as amendoas?

— Da arvore.

— Vêem já assim? Com assucar?

O pae consagra, por essas occasiões, á amendoeira, duas palavras delicadas:

— Arvore mui poetica! Nuncia da primavera! São as primeiras folhas d'ella o primeiro sorriso do anno, e dão o signal de se ir sair do frio para entrar na estação das flôres.

— E do fato claro!

— Isso; e do fato claro!...

— A amendoa em verde é boa?

— Qual bôa! É aleitada. Desfaz-se nos dedos com casca e tudo. E mais tem tres cascas!

— Uma por dentro da outra?

— Não. Uma por fóra da outra.

— Ah!

— A primeira abre na arvore; rebenta com o calor, e cae antes da apanha.

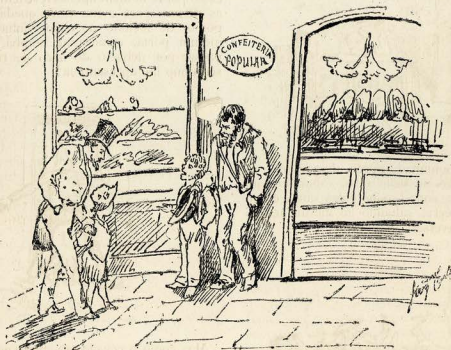
— Cá por Lisboa ha muitas?

— Poucas. Onde ellas se dão bem é no Algarve.

A amendoeira quer calor.

— O papá, e como é que se apanham?

— Varejando.



— E depois?

— E depois, vendem-se, aos alqueires. Mas não razas. Com cugulo.

— E depois?

— E depois... Vamos ahi a essa confeitaria. Entrem lá. E depois... é isto! Escolher dos cestos, provar antes de mandar pesar; e comel-as.

Os pequenos, contentissimos, vão, de pulo, a saltar para a loja...

— Alto! diz-lhes o pae. Demos primeiro esmola a este pobre velho e ao pequenito que vae com elle. Este dar de amendoas, ainda é a melhor maneira de entrever, com fé e com esperanza, a cordã suspensa sobre a velhice que nos espera, e que tambem lhes hade chegar, rapaziños, se Deus quizer! Sabem-nos bem as amendoas que comemos, e as que damos devem tam-

bem saber-nos bem. A antiguidade inventou uma cadeia de ouro para levantar o mundo: estas amendoas, que se dão aos que não têm, são uma especie d'essa cadeia de ouro: vão da terra ao céu.

JULIO CESAR MACHADO.



O CAMPONEZ E O SEU PORCO

(Continuado do numero antecedente)

O avantajado porco, vendo-se livre do cordel que o prendia, continuava a sua carreira desordenada, e entrava como um furacão na casa principal da estalagem, derrubando todos os obstáculos. N'aquelle momento, uma das criadas, muito feia e pesadona, conduzia uma travessa com batatas para dois freguezes que estavam sentados á mesa.



Mas o endemoninhado porco, despresando as attentões devidas ao bello sexo, esbarrou com a pobre sopeira, enfiou-se-lhe pelas saias, e deu com ella em terra, saltando ao mesmo tempo pelos ares a travessa e as batatas!



Assombrados com a subita e violenta entrada do animal, furiosos por verem as bellas batatinhas fumegantes desaparecerem n'uma cambalhota rapidissima, desolados por se verem talvez reduzidos ao misero pão secco, os dois freguezes, pae e filho, pensavam já em cruel vingança, quando foram tambem arremecados ao chão, de companhia com a mesa, cadeiras, pratos, talheres, tudo!

O terrivel cevado, que parecia ter o demonio no corpo, mettu o focinho por debaixo da cadeira do rapazito, atirou com elle ao ar, e, não encontrando mais nenhum obstaculo, enfiou por uma porta aberta.

Em quanto isto succedia, o tio Antonio an-

tara-se, bastante dorido do trambulhão que apañhara, e dando volta á casa, com a rapidez que lhe permittia a sua idade, dispunha-se a entrar



pela porta trazeira da estalagem. Mas, co'a bréca! o pobre homem apenas teve tempo de alargar as pernas, para evitar nova queda! O maldito porco, de focinho no chão, vinha a sahir pela mesma porta, como uma bomba, e teve que passar por debaixo do arco de triumpho, que seu dono lhe apresentava!



Mas como o cevado era muito gordo, o intervallo das pernas do tio Antonio não bastava a dar-lhe passagem; resultou d'ahi ficar o camponez escarranchado no animal, e, para não cahir, agarrou-se convulsivamente ao appendice posterior do negregado porco.



Respondeu-lhe immediatamente um grito agudo, prolongado, estridente, um grito que faz estremezer, um grito que até os surdos ouvem, um grito de porco, enfim!

(Continúa).



AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

— Não querem ver a menina Susana a dar-me lições! Pois muito bem, uma vez que sabe mais do que eu, não precisa que eu a ensine!

E o sr. de Beaucourt fingiu querer levantar-se.

A pequenita julgou que o avôzinho estava realmente zangado; mas olhando para a sua mamã e para o mano Paulo, viu-os sorrir, por isso ficou sosegada.

— Perdoo, avôzinho; eu não torno mais — disse ella carinhosamente. — Mas, para seres bonito, has de dizer-me o motivo porque não fallaste na Terra.

— Pois não fallai, menina!

— Sim? — redarguiu Susana, não se atrevendo a desmentir o seu avô, mas acreditando que elle estava enganado.

O sr. de Beaucourt não quiz deixar em confusões o espirito da sua netinha, e, por isso, accrescentou:

— Ora vamos lá: então não te fallai dos planetas?

— Sim, senhor.

— Pois sendo a terra um planeta, facilmente comprehenderás que fallai n'ella, com quanto não lhe dissesse o nome.

— Sim, sim... — murmurou a Susaninha, sem

grande convicção, porque desconhecia a significação da palavra planeta.

Percebendo a hesitação da neta, o avô disse ainda:

— O que tu devias perguntar-me era a definição dos planetas.

— É verdade! — exclamou a Susaninha com adoravel simplicidade.

— Sabe então que os planetas são uns astros, tão solidos como a Terra, que giram em volta do sol. Vem-lhes o nome d'uma palavra grega, que quer dizer: errante.

— O quê, avôzinho! então o meu Sol serve para outros mundos além do nosso? Tambem os alumia e aquece?...

E a Susaninha fez cara de amuada. Queria, naturalmente, que o sol fosse só para ella!

— Em volta do teu Sol giram outros sete grandes planetas, e uma centena de planetasinhos, que se suppõe serem pedaços d'um planeta grande que rebentou.

— Que dizes tu, avôzinho? Então os planetas podem rebentar?... N'esse caso, a Terra...

— O tal planeta devia ser de má qualidade, em quanto que a Terra e outros promettem durar ainda muito tempo.

— Ao menos, a Terra é o maior, o mais bonito?...

— Não.

E voltando-se para a senhora de Sannois e para Paulo, que sorriam, o ancião accrescentou:

-- Reparem, reparem na vaidade da menina

Susana. Não só desejaria metter o Sol na sua algibeira, como parece não admitir que haja algum planeta superior à Terra! Lá isso não, minha filha: o Sol illumina todo o mundo, ou antes, todos os mundos.

— Quaes são então esses outros mundos, e como são feitos? — perguntou um tanto confusa a Susaninha.

— Oh! vae um pouco longe nas suas perguntas, minha menina! O mais que lhe posso dizer, por agora, é o seguinte: ha dois planetas, chamados Mercurio e Venus, que são os mais proximos do Sol. Mercurio é mais pequeno do que a Terra, e Venus é do mesmo tamanho do nosso globo. Os outros cinco planetas estão mais afastados do Sol. Chamam-se: Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno. Marte é ainda um bocadinho mais pequeno do que a Terra.

— Ainda bem! — atalhou a pequenita.

— Espera! vae ver como o teu orgulho de habitante da Terra fica achatado: Jupiter é mil duzentas e trinta vezes maior do que o nosso mundo; Saturno, setecentas e trinta e cinco vezes; Urano, oitenta e duas vezes, e Neptuno cento e onze vezes!

— Ora essa! — exclamou a pequenita. — Então a que distancia está a Terra do Sol?

— Trinta e oito milhões de leguas!

— Oh! é muito!

— É; mas lembra-te que Neptuno está distante mil e cem milhões de leguas; é o planeta mais afastado do Sol.

— E Mercurio? — perguntou Susana, lembrando-se que era o planeta mais proximo do sol.

— Ora! do senhor Mercurio não valé a pena fallar: está apenas a uma duzia de milhões de leguas de distancia.

— Uma bagatela!

— Portanto, o reino do nosso Sol, compõe-se dos oito planetas que enumerei; começa em Mercurio e acaba em Neptuno.

— Tu disseste, avôsinho, o *nosso* Sol: por ventura ha outros?

— Certamente.

— Onde estão?

O sr. de Beaucourt aproximou-se da janella. O céu, n'aquella noite, estava sem nuvens. Abriu a vidraça, e depois de cobrir com um chale a sua netinha, disse-lhe:

— Olha lá para cima; que vês?

— Vejo estrellas.

— Pois cada uma d'essas estrellas é um sol.

— Um sol como o nosso?! — perguntou muito admirada a Susaninha. — E tambem tem planetas?

— Tambem; aquelles soes, semelhantes ao nosso, alumiam indubitavelmente inumeros planetas; mas estão tão longe, tão longe, que é impossivel distinguil-os.

— Mas porque não é possivel vel os, como se vêem as estrellas?

— Porque os planetas não contém luz propria: o que fazem é reflectir a luz do seu sol; e esta reflexão, esta reverberação é tão fraca,

que não ha oculo ou telescopio que a possa alcançar.

Depois de se conservar calada alguns instantes, a Susaninha disse de repente:

— Mas a luz do Sol, do nosso, d'onde vem?

— Vem d'elle mesmo, não a pede emprestada a ninguem. O Sol é uma enorme massa gazosa incandescente, cuja extraordinaria temperatura chega até nós por intermedio dos seus formosos raios luminosos e cheios de calor. Quando elle arrefecer, a vida desaparecerá do nosso mundo. Mas este perigo está ainda muito longe — apressou-se a dizer o bondoso ancião, notando que Susana fizera um movimento de susto. — Segundo cálculos muito certos, o sol perde apenas um grau de calor em quatro mil annos; ora, como esse calor se eleva a muitos milhares de graus, claro está que a humanidade ainda tem um bocadinho de tempo para viver.

(Continúa.)

ALEGRIAS

Estando em Achem, na India, o general Suffren, uma deputação da cidade veiu pedir-lhe audiencia quando elle estava à mesa.

Suffren era grande comilão, e não gostava de ser incommodado durante as suas prodigiosas refeições.

Para se livrar da tal deputação, mandou-lhe dizer que um dos preceitos da sua religião prohibia expressamente aos christãos, quando estivessem à mesa, occuparem-se de outra coisa que não fosse comer.

A deputação retirou-se, admirando a extraordinaria devoção do general francez.

A scena passa-se n'um baile.

Encostado ao fogaõ, um dos convidados abafa como pôde repetidos abrimentos de bocca.

— Está aborrecido? — pergunta-lhe o visinho.

— Estou. E o senhor?

— Eu tambem.

— Então vamo-nos embora, quer?

— Não posso... sou o dono da casa.

CORRESPONDENCIA

O Pequeno Antoninho. — Reccebi a sua cartinha, que tem pontos muito engracados, como seja aquelle em que nos diz que o seu papá deixou de fumar para poder comprar ao meu menino o *Jornal da Infancia*. Acha caro o jornal; pois saiba que em Franca, onde as tiragens ascendem a muitos milhares de exemplares, não são mais baratos os jornais infantis.

As gravuras, o papel, quando bom, a impressão, custam tanto dinheiro! Mas, em summa, como o meu querido menino, à força de pedir e choramingar, sempre conseguiu que o papá assignasse o *Jornal da Infancia*, o resto pouco vale. A priminha ira em quanto o meu amiguinho chorava? é que talvez ella não saiba ler, portanto, não pôde apreciar as historias do nosso jornalinho. Se eu publicasse o acrostico em que o Antoninho confunde a priminha, ella de certo se zangava, e entre parentes deve reinar a melhor harmonia. Mande-me o meu menino outro escripto, mas em prosa, visto o seu professor não lhe ter ainda ensinado as regras da metrificão.

Cá fico esperando.